

EMPREENDEDORISMO NA AMAZÔNIA BRASILEIRA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

ENTREPRENEURSHIP IN THE BRAZILIAN AMAZON: A SYSTEMATIC LITERATURE REVIEW

Gleriani Torres Carbone Ferreira 1
Patricia Taeko Kaetsu 2
Cristiana Lara-Cunha 3

Resumo: Os desafios da Amazônia, pela sua extensão e características territoriais, abarcam questões específicas de preservação ambiental e desenvolvimento socioeconômico. O empreendedorismo na região, assim, também incorpora esses desafios com o potencial de trazer soluções alinhadas à problemática regional. Para compreender a temática e como se dá o seu desenvolvimento, o objetivo deste estudo é identificar o perfil das pesquisas relacionadas ao empreendedorismo na Amazônia brasileira. Portanto, a revisão sistemática de literatura (RSL) se vale de métodos de coleta e análise de dados das pesquisas realizadas sobre o Empreendedorismo na Amazônia. Como resultados principais, uma análise dos níveis individual, organizacional, setorial ou sociedade dos estudos apresenta coerência a geração de ideias para prepará-las para o mercado, a associação entre os novos empreendimentos e as empresas estabelecidas, o alinhamento educacional para atender às necessidades setoriais e as lideranças entre os setores para o desenvolvimento amplo do ecossistema do empreendedorismo. Adicionalmente, o baixo número de artigos voltados ao tema demonstra a carência de estudos desenvolvidos na região, apesar das diversas iniciativas existentes.

Palavras-chave: Amazônia. Empreendedorismo. Revisão Sistemática de Literatura.

Abstract: The Amazon presents several challenges related to environmental preservation and socio-economic development due to its extension and territorial characteristics. Thus, the development of Entrepreneurship in the area incorporates these challenges, however, it has also the potential to bring solutions addressing the region's problems. In order to understand entrepreneurship in the Amazon and how it is developed, the objective of this study is to characterize the researches related to entrepreneurship in the Brazilian Amazon. Therefore, a systematic literature review (SLR) applies methods of data collection and analysis of investigations entrepreneurship carried out in the Amazon. As main results, an analysis of the individual, organizational, industry or society levels of the studies shows relations with the generation of ideas to prepare to the market, the association between new ventures and companies, the educational alignment to serve the industries and the leadership among organizations for the broad development of the entrepreneurial ecosystem. Finally, the low number of articles on the topic demonstrates the lack of advanced studies in the region although the existing initiatives.

Keywords: Amazon. Entrepreneurship. Systematic Literature Review.

Mestre em Administração pela PUC-SP e Doutora em Administração pela USP. Professora da Graduação, MBAs e Mestrado Profissional em Gestão de Negócios na FIA. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7455424684592357>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3725-3135>. E-mail: gleriani@usp.br 1

Mestre em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental pela UDESC e Doutoranda em Administração pela USP. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1811146571580222>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8288-4361>. E-mail: ptaeko@usp.br 2

Mestre em Administração pela UFMG e Doutoranda em Administração pela USP. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6512370694957860>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7661-6755>. E-mail: cristianalara@usp.br 3

Introdução

A região Amazônica reúne desafios complexos, tanto relacionados à infraestrutura quanto ao seu acesso pela população local. Não só questões de saneamento, transporte e o desenvolvimento social, como também desafios relacionados às questões tecnológicas como o acesso à internet com qualidade. Para muitos especialistas, “somente a atribuição de valor econômico à floresta em pé permitirá a ela competir com outros usos que pressupõem sua derrubada ou degradação, e somente a Ciência, Tecnologia e Inovação poderão mostrar o caminho de como utilizar o patrimônio natural sem destruí-lo” (ABC, 2008, p. 11).

Novas e fundamentais tendências se delineiam na Amazônia a partir da conscientização da necessidade de preservação, muito influenciada pelo volume crescente de estudos científicos que demonstra a interconexão regional. Com a comprovação de que o volume de chuvas de uma região, está diretamente associado à preservação da floresta em outra, assume-se o compromisso de preservação para além do seu território.

O empreendedorismo, assim, lida com os desafios inerentes às questões da Amazônia, e pode apresentar soluções para eles. Por caracterizar a capacidade e a disposição de transformar conceitos em empreendimentos de forma a organizar e gerir um novo negócio (NAKAO et al, 2018), o empreendedorismo assume um papel chave na preservação e no desenvolvimento territorial, além do potencial de mudança socioeconômica.

Esta reflexão sobre o empreendedorismo e de suas características específicas ao contexto amazônico acompanham alguns questionamentos sobre o qual o atual estado das investigações sobre este tema. O objetivo deste estudo, assim, é identificar o perfil das pesquisas relacionadas ao empreendedorismo na Amazônia brasileira. O conhecimento sobre essas pesquisas oferece tanto uma visão geral temática do empreendedorismo quanto como ocorre o seu desenvolvimento na Amazônia. Adicionalmente, apontam as janelas para futuros estudos sobre esta temática.

Amazônia

A Amazônia é formada por nove estados: Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará, Amapá, Tocantins, parte do Maranhão e parte do Mato Grosso. Estima-se que pelo menos um terço das espécies de insetos existentes no planeta esteja no bioma, o que representa cerca de 10 milhões. Em relação ao número de peixes, só no Rio Negro, já foram catalogadas 450 dessas espécies, de um total de duas mil espécies estimadas na região. A Amazônia também é o maior habitat de répteis do mundo e abriga, pelo menos, 50 espécies em extinção (RAA, 2020).

No entanto, a região registra os piores Índices de Desenvolvimento Humano por município (IDH-M), pois, dos 32 municípios brasileiros classificados na categoria “muito baixo”, 22 estão localizados na região da Amazônia Brasileira. Enquanto nas regiões sul, sudeste e centro-oeste não há nenhum município classificado com “índice muito baixo”, nas regiões norte e nordeste não há nenhum município com “índice muito alto” (PNUD, 2013).

Apesar do crescimento do serviço de coleta de esgoto no país, o Brasil possui 52% dos domicílios ligados à rede coletora. No entanto, no nordeste são 32% de domicílios e, na Amazônia, apenas 12% dos domicílios têm esse benefício. No que se refere à água canalizada não é diferente e apenas 37,3% dos domicílios da Amazônia tem esse recurso disponível (MARCOVITCH, 2011).

Se em toda parte do Brasil a violência fragiliza as relações sociais no meio urbano, na Amazônia registra-se um cenário inverso, com a violência concentrada no meio rural (MARCOVITCH, 2011). Porém, tanto as cidades inchadas pela migração rural, como as áreas rurais esquecidas pelo Poder Público, ressentem-se da falta de equipamentos e serviços, acumulando populações empobrecidas e instáveis à procura de empregos que não aparecem.

A preservação se faz com a proteção à natureza, mas também com métodos corretos de manejo capazes de garantir, por um lado a preservação ambiental e, de outro, a devida fonte de renda para as populações locais. Daí o surgimento de um componente que perpassa todos os interesses: o desejo de se desenvolver (BECKER, 2009, p. 135)

Becker (2009, p.162) lembra que todos os atores regionais hoje querem se desenvolver, inclusive as populações tradicionais e os pequenos produtores. Com esse intuito, eles deman-

dam ações do Estado para conter o desmatamento, ordenar o território e prover melhores condições de vida. Trata-se dos movimentos que ganham força a partir de pressões globais, interesses nacionais e reivindicações regionais, sendo que o Estado tem de se mover nesse cenário, objetivando o desenvolvimento, respeitando os compromissos social e ambiental.

Nesse contexto de inúmeras riquezas naturais e severas limitações na qualidade de vida, este estudo se propõe a analisar a evolução, perfil e características dos estudos que tratam de empreendedorismo na região da Amazônia brasileira.

Empreendedorismo no Brasil e na Amazônia

O empreendedorismo pode ser traduzido como a capacidade e a disposição de transformar conceitos em empreendimentos, organizando e gerindo de forma a produzir um novo negócio, sabendo aceitar todos os riscos da operação e tendo como recompensa o lucro do mesmo (NAKAO et al, 2018). Outros autores trazem definições mais próximas da realidade a ser transformada, como é o caso de Dornelas (2003, apud GONÇALVES et al, 2018, p. 46):

[...] mudar a situação atual e buscar, de forma incessante, novas oportunidades de negócio, tendo como foco a inovação e a criação de valor. [...] sua essência se resume em fazer diferente, empregar os recursos disponíveis de forma criativa, assumir riscos calculados, buscar oportunidades e inovar.

Os dados do empreendedorismo utilizados neste estudo são, prioritariamente, extraídos do Relatório GEM - *Global Entrepreneurship Monitor*. Trata-se de um projeto global que teve início em 1999, chegando ao Brasil no ano seguinte, representando a maior e mais complexa pesquisa cooperativa sobre empreendedores e seus empreendimentos no mundo.

Em relação ao gênero a maior parte dos países apresenta uma supremacia masculina no desenvolvimento de novos empreendimentos. As exceções ficam a cargo do Brasil e do México, que apresentam as taxas mais balanceadas de empreendedores entre homens e mulheres responsáveis por novos negócios.

Em 2014, foram entrevistados 10.000 indivíduos que compõem a população adulta do Brasil (de 18 a 64 anos), sendo dois mil entrevistados em cada uma das regiões. Perguntou-se a respeito de suas atitudes, atividades e aspirações individuais relacionadas à atividade empreendedora. Também foram entrevistados 108 especialistas, sendo dezoito da Região Norte, que opinaram sobre vários aspectos relativos ao ambiente de negócios que condiciona a criação e o desenvolvimento de novos empreendimentos no Brasil e em suas regiões.

No geral, o relatório apresentou que a aptidão para empreender, ou seja, o percentual da população adulta brasileira que se julga com o conhecimento, a habilidade e a experiência necessárias para iniciar um novo negócio alcançou 58,3%, valor superior ao ano anterior cujo resultado havia sido de 50% (GEM, 2015).

Mulheres são mais ativas que os homens em termos de atividade empreendedora inicial. Na Região Norte, a taxa específica de empreendedorismo inicial do gênero feminino (20,8%) é superior à do Brasil (17,5%) e à das demais regiões brasileiras (GEM, 2014).

Em se tratando de faixa etária, indivíduos na faixa etária de 25 a 34 anos são os mais ativos. No entanto, na região, a taxa específica de empreendedorismo inicial dessa faixa etária (20,8%) é significativamente inferior à do Brasil (22,2%). Os indivíduos de 55 a 64 anos são os menos ativos, embora com uma taxa específica (16,4%) expressivamente superior à do Brasil (10,0%) e às das demais regiões brasileiras.

Verificou-se a taxa de taxa de empreendedorismo inicial (TEA), que engloba os indivíduos envolvidos com uma atividade empreendedora em estágio nascente ou com um empreendimento novo. Em termos conceituais, de acordo com o GEM, temos as seguintes definições:

Empreendedorismo nascente envolve os indivíduos que estão envolvidos no planejamento, estruturação e são proprietários de um novo negócio, porém esse empreendimento ainda não pagou qualquer tipo de remuneração (salários ou pró-labores) aos seus proprietá-

rios por mais de três meses.

Empreendedorismo novo envolve indivíduos que administram e também são proprietários de um novo negócio que, contrariamente aos nascentes, já remunerou os proprietários por um período superior a três meses e inferior a 42 meses (três anos e meio).

O empreendedorismo na região da Amazônia brasileira não destoa do perfil médio observado nas demais regiões do país (Tabela 1). Por exemplo, em se tratando de empreendedorismo inicial, em cada 100 habitantes, 18,7 empreendem nesta categoria. Da mesma forma, a taxa total de empreendedores no Brasil é de 38 para cada 100 habitantes, na região norte é de 32,6.

Tabela 1. Taxas de empreendedorismo segundo estágio dos empreendimentos

Estágio	Brasil	Região Norte
Empreendedorismo inicial	17,9	18,7
Empreendedorismo nascente	1,7	5,2
Empreendedorismo novo	16,4	13,6
Empreendedorismo estabelecido	20,2	14,1
Taxa total de empreendedores	38	32,6

Fonte: Adaptado de Relatórios GEM Brasil (2018) e GEM Região Norte (2014).

Com relação à renda familiar, a Região Norte se diferencia do Brasil e das demais regiões com a maior taxa específica de empreendedorismo inicial entre indivíduos com faixas de renda superior a 9 salários mínimos (28,0%).

A motivação dos empreendedores iniciais pode ocorrer pela necessidade ou oportunidade. Os **empreendedores por necessidade** decidem empreender por não possuírem melhores alternativas de emprego, propondo-se criar um negócio que gere rendimentos, visando basicamente a sua subsistência e de seus familiares. No que concerne aos **empreendedores por oportunidade**, o GEM define-os como capazes de identificar uma chance de negócio ou um nicho de mercado, empreendendo mesmo possuindo alternativas concorrentes de emprego e renda.

Vale ressaltar que as taxas apresentam correlação negativa, ou seja, à medida que a taxa de empreendedores por necessidade diminui, aumento da taxa de empreendedores por oportunidade, e vice-versa.

A proporção de empreendedores iniciais por oportunidade foi de 68,4%, inferior à média brasileira (70,6%) e à da Região Sul (82,2%), mas superior às observadas no Nordeste (66,7%) e no Centro-Oeste (56,1%).

Empreendedorismo estabelecido (TEE), por sua vez, envolve os indivíduos que administram e são proprietários de negócios já consolidados que pagaram alguma remuneração aos seus proprietários por um período superior a 42 meses (GEM, 2015).

A igualdade de gênero diminui quando são analisadas as taxas específicas de empreendimentos estabelecidos (TEE). Em todos os países listados a participação em empreendimentos com mais de 42 meses de funcionamento é mais alta entre os homens do que entre as mulheres. Este dado mostra que as mulheres brasileiras conseguem criar novos negócios na mesma proporção que os homens, porém enfrentam mais dificuldades para fazer seus empreendimentos prosperarem.

Em relação às taxas específicas de empreendedores estabelecidos (TEE) no Brasil, os dados apontam grande variação, com TEE de 5,5% para indivíduos entre 18 e 24 anos a 24,2% para respondentes com idades entre 45 e 54 anos. Isso significa que no Brasil a cada 100 pessoas com idade entre 45 e 54 anos, 24 são responsáveis por empreendimentos com mais de 42 meses de funcionamento. De forma geral no país a TEE ficou mais baixa para os indivíduos mais novos e mais alta (acima de 20%) para indivíduos com mais de 35 anos.

Ao analisar os dados do Brasil, verifica-se que justamente a faixa de “experiência pós-

-graduação” é a que tem maior índice de indivíduos engajados em novos empreendimentos (22,9%). Possivelmente, tais empreendimentos sejam intensivos em conhecimento e inovação, portanto com maior probabilidade de gerar valor agregado. Indivíduos com nenhuma educação formal (Nível 1) são os que apresentam menor proatividade para o empreendedorismo inicial (14,9%).

Ainda que tais documentos sejam fonte essencial de informação, o referido relatório aborda apenas três cidades (uma de cada porte: grande, média e pequena), de um único estado da região norte do Brasil.

Os estudos da GEM focam, especialmente, em dados sobre as características individuais do empreendedor. Ao expandir o empreendedorismo ao contexto de negócios, é possível identificar o nível no qual ele ocorre, seja individual, organizacional, setorial ou sociedade (HAHN et al, 2010). Um contexto favorável, seja organizacional ou regional, contribui para a emergência das características empreendedoras individuais por meio das ligações estabelecidas entre os atores (KANTER, 2012).

O empreendedorismo, enquanto estratégia de desenvolvimento econômico, considera esse contexto e traz os ecossistemas empreendedores à discussão. Esses ecossistemas apresentam contribuições ao empreendedorismo, mas também crenças não comprovadas que demandam uma análise aprofundada sobre o tema (ISENBERG, 2014), que vai além do escopo deste artigo. A constituição desse ecossistema empreendedor se dá por meio da formação de redes. Isso envolve tanto a criação e ampliação de redes de empreendedores e mentores, quanto as conexões com potenciais clientes, investidores e parceiros (PAUWELS et al., 2016; QUINTESSA, 2018).

As redes de colaboração oferecem os caminhos por onde fluem os conhecimentos, os recursos financeiros e as habilidades humanas, para os benefícios das empresas. Isenberg (2014) destaca quatro formas de ligações dentro do ecossistema. Primeiramente, uma das formas de conexão traz a geração de ideias para prepará-las para o mercado. A segunda abarca a associação entre os novos empreendimentos e as empresas estabelecidas. Outra forma de ligação traz o alinhamento educacional para atender às necessidades setoriais. Finalmente, há as lideranças entre os setores para o desenvolvimento amplo.

Metodologia

Esta pesquisa consiste em uma Revisão Sistemática da Literatura (RSL) com organizados, transparentes e replicáveis procedimentos conforme recomendado na literatura (LITTEL et al., 2008). A RSL é apropriada no mapeamento de áreas onde há um grande nível de incerteza e novos estudos são necessários (PETTICREW; ROBERTS, 2006). Esse método de pesquisa é especialmente útil ao lidar com um grande volume de informações (PETTICREW; ROBERTS, 2006, p. 2) e abordar um grande volume de dados (TRANFIELD et al, 2003). O uso de RSL limita o viés do pesquisador ao tentar avaliar e selecionar os estudos relevantes acerca do tema em estudo (PETTICREW; ROBERTS, 2006).

Esta pesquisa foi realizada nos meses de fevereiro e março de 2020, aplicando as buscas na ISI Web of Knowledge/Web of Science (WoS) database, sem limitação de período. Conforme recomendado por Tranfield e colegas (2003), seguiu-se as três etapas definidas para orientar os métodos sob os quais pesquisadores de administração realizam revisões de literatura: i) planejamento da revisão; ii) condução da revisão; iii) relato e disseminação. O Quadro 1 apresenta um resumo das principais atividades realizadas em cada etapa.

Quadro 1. Etapas da pesquisa

Etapa 1 Planejamento da revisão	Etapa 2 Condução da revisão	Etapa 3 Relato e disseminação
<ul style="list-style-type: none"> · Pesquisa bibliográfica exploratória sobre empreendedorismo, no contexto regional da Amazônia, feita por trial-and-error; · Proposta preliminar das perguntas de pesquisa; · Definição dos critérios para definição dos filtros de busca na base de dados; · Planejamento da análise dos dados. 	<ul style="list-style-type: none"> · Utilização dos filtros e seleção da amostra de leitura, com 69 estudos; · Seleção da amostra final, após consideração dos pesquisadores, composta por 34 estudos; · Leitura e categorização dos estudos em função do seu objetivo; · Elaboração de quadros, tabelas, gráficos e figuras para exemplificar os achados e conclusões da análise. 	<ul style="list-style-type: none"> · Relatório técnico acerca do tema na região em estudo; · Análise individualizada dos estudos selecionados. · Conclusões acerca dos temas com maior volume de pesquisas · Sugestões para estudos futuros a partir da análise do volume de pesquisas

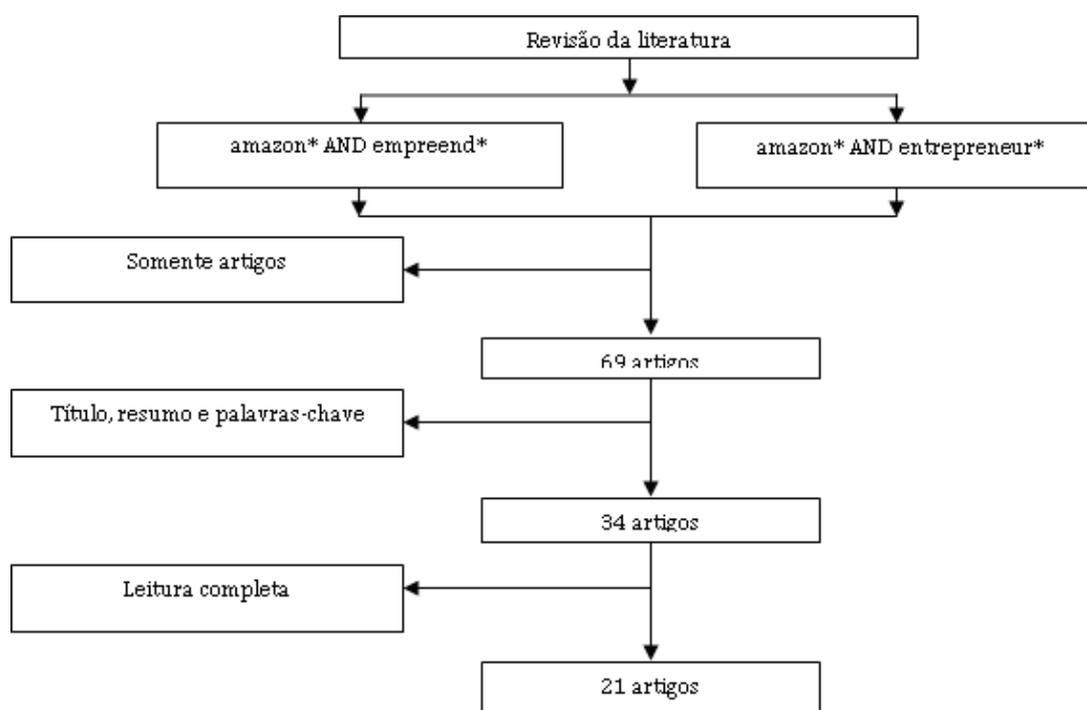
Fonte: Adaptado de Tranfield et al. (2003)

Na primeira etapa, chamada de trial-and-error, realizou-se uma pesquisa bibliográfica sobre o empreendedorismo no contexto da região da Amazônia, com diferentes combinações de palavras testadas com o objetivo de entender a necessidade e a viabilidade do estudo (MORIKA; CARVALHO 2016). Ainda nesta etapa foram definidas as propostas preliminares das perguntas de pesquisa e a definição dos critérios para definição dos filtros de busca na base de dados. A Figura 1 traz o processo de revisão utilizado neste artigo.

Na etapa de planejamento, segunda etapa definida por Tranfield et al (2003), os seguintes filtros foram aplicados no banco de dados WoS:

(1) no tópico: amazon* AND empreend*; (2) no tópico: amazon* AND entrepreneur*. O primeiro conjunto de palavras é formado pelo idioma inglês, por ser o principal idioma das revistas científicas que publicam artigos na região. O segundo conjunto refere-se ao idioma português por representar o Brasil, país que abriga a maior parte da Amazônia. O símbolo (*) incorpora uma função do banco de dados que inclui variações do termo pesquisado

Figura 1. Processo de seleção dos artigos



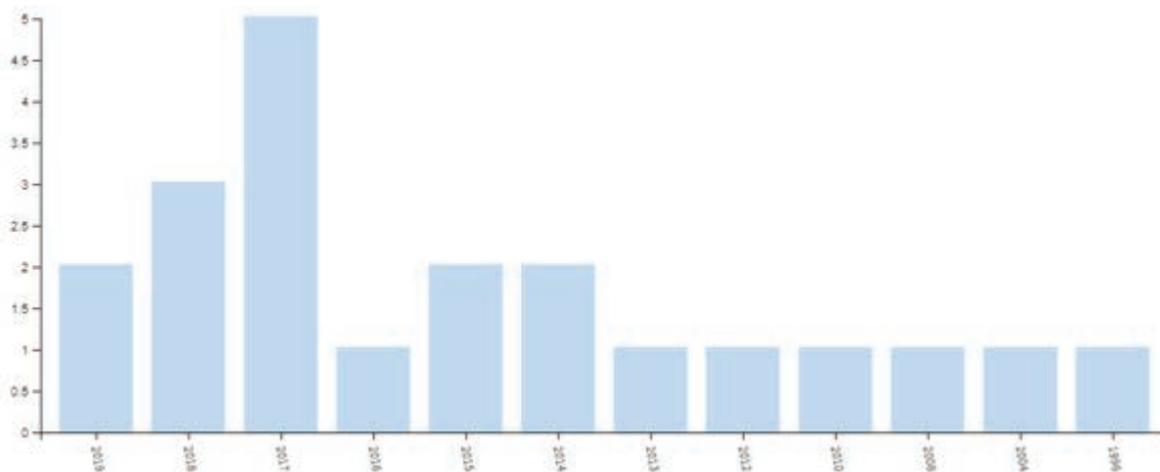
Fonte: Dados da pesquisa

A primeira rodada de buscas exibiu 69 artigos completos. Seguindo Morioka e Carvalho (2016), lemos primeiramente o título e o resumo dos artigos para excluir aqueles que não aderiram à pesquisa e aqueles em que o artigo completo não estava disponível. No caso de dúvidas, dois pesquisadores diferentes liam também o artigo completo a fim de tomar a decisão conclusiva sobre o aproveitamento do artigo. Por fim, foi feita a leitura de todos os trabalhos, a amostra final foi concluída com o refinamento de 34 trabalhos.

Análise dos Resultados

A leitura detalhada dos 34 artigos ainda levou a eliminação de estudos que não tratavam da Amazônia brasileira ou não abordavam o tema empreendedorismo. Ao final, 21 artigos formaram o conjunto de estudos que tratam de empreendedorismo na Amazônia brasileira, publicados desde 1996. A Figura 2 exhibe o número de publicações por ano, até 2019.

Figura 2. Evolução das publicações



Fonte: Dados da pesquisa

Nota-se um crescimento nos anos 2014 e 2015, amplamente superados a partir de 2017, 2018 e 2019. Neste último ano, ainda com queda, registrou-se um volume superior ao início da década.

Dos 21 artigos, 11 tem apenas brasileiros no conjunto de autores, embora um deles esteja associado à uma organização estrangeira. Outros 4 foram escritos a partir da parceria entre pesquisadores brasileiros e estrangeiros. Os outros 6 artigos foram escritos apenas por pesquisadores estrangeiros. Dentre os países estrangeiros presentes nos artigos, destacam-se os Estados Unidos com autoria em seis publicações. O Quadro 2 registra a produção dos artigos segundo o país de origem dos estudos.

Tabela 1. Países de autoria dos estudos

Países	Número de registros	% do total
Brasil	14	66.667
Estados Unidos	8	38.095
Canadá	1	4.762
Colômbia	1	4.762

Costa Rica	1	4.762
Alemanha	1	4.762
Indonésia	1	4.762
Japão	1	4.762
Portugal	1	4.762
Suécia	1	4.762

Fonte: Dados da pesquisa

A análise das organizações relacionadas com as publicações (Quadro 3) indicam que pelo menos 23,81% dos artigos são publicados por organizações americanas, sendo três da Universidade da Flórida e dois da Universidade de Miami. Em se tratando das organizações brasileiras, as três com maior destaque são Embrapa, Universidade do Estado de Mato Grosso e Universidade Federal de Amazonas, juntas representando 28,57% dos estudos.

Tabela 2. Organizações presentes nos estudos

Organizações	Número de registros	% do total
Universidade da Flórida	3	14.286
Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - Embrapa	2	9.524
Universidade do Estado do Mato Grosso	2	9.524
Universidade Federal de Amazonas	2	9.524
Universidade de Miami	2	9.524

Fonte: Dados da pesquisa

Quanto ao idioma de publicação dos artigos, 57,14% foram publicados em português e 42,86% foram publicados em inglês (Quadro 4).

Tabela 3. Idioma das publicações

Idioma do artigo	Inglês	Português
Quantidade	9	12
Porcentagem	42,86%	57,14%

Fonte: Dados da pesquisa

Em se tratando da localidade objeto do estudo, 15 artigos envolvem apenas um estado amazônico, com predominância para os estados de Amazonas e Pará, ambos com 5 artigos cada. Dois estudos envolvem mais de um estado e outros dois estudos envolvem outro país além do Brasil.

No que se refere a contribuição dos artigos, nove estudos dedicam-se a disseminação de conhecimentos adquiridos em atividades de empreendedorismo, relatando lições aprendida com a experiência.

A análise do escopo dos estudos sobre os diferentes níveis nos quais o empreendedorismo acontece, seja individual, organizacional, setorial ou sociedade, apresenta um número maior de artigos setoriais (7) ou da sociedade (8). Os artigos setoriais abordam, sobretudo, pesquisas nas áreas de produção agropecuária (de OLIVEIRA et al, 2018; CLEMENT et al., 2004; WILCOX, 2008), pesca (AMARAL et al, 2017; SABANI; CASAGRANDE; de BARROS, 2015) e ecoturismo (ROCHA et al, 2012; DEDEKE, 2017).

Os artigos no nível da sociedade relacionam-se, sobretudo, ao desenvolvimento e uso da terra. Em termos de desenvolvimento, alguns artigos abordam o desenvolvimento por meio

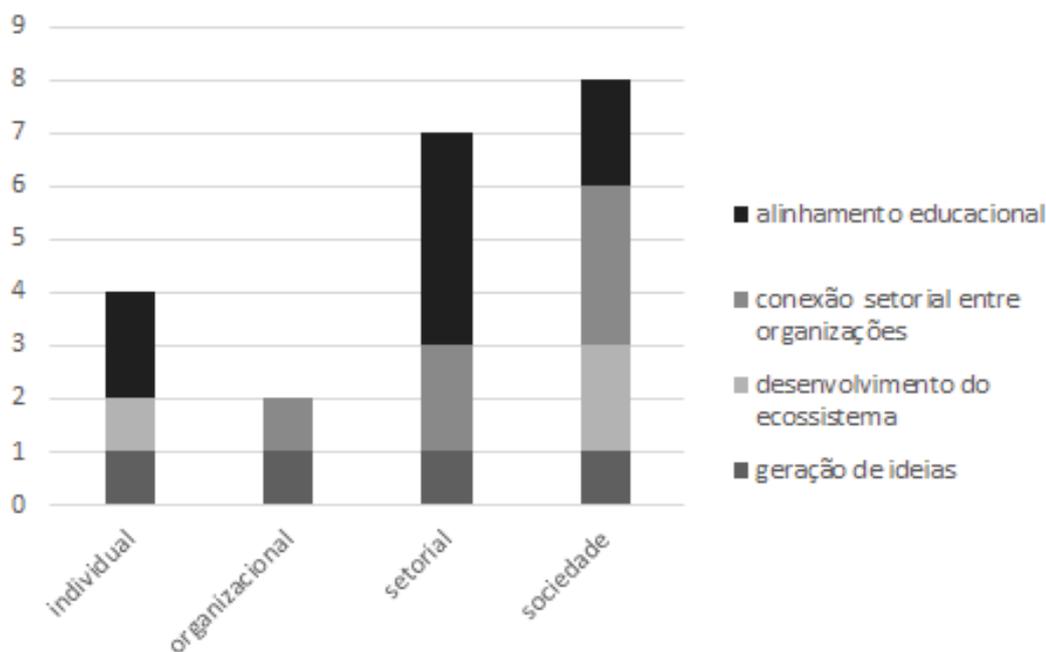
do empreendedorismo (de LIMA et al, 2019), tanto rural (POKORNY et al, 2013) quanto de arranjos produtivos (FILOCREAO; GALINDO; SANTOS, 2017; CHELEKIS; MUDAMBI, 2010). A relevância do uso da terra aplica-se ao planejamento urbano e territorial (SMITH et al, 1996; KANAI, 2014a; KANAI, 2014b).

Um olhar para dentro das organizações traz o empreendedorismo organizacional (2) e individual (4). Organizacionalmente, os artigos trazem o empreendedorismo da produção agroindustrial (de LIMA et al, 2015) e de inovação (FREITAS; NEVES, 2017). No nível individual, há a motivação empreendedora por oportunidade entre estudantes (ARAUJO; COELHO, 2018) bem como, o desenvolvimento de habilidades empreendedoras, seja por meio do conhecimento financeiro (BIROCHI; POZZEBON, 2016) e capacidades gerenciais (de CASTRO; da SILVA; FERREIRA, 2018; MELLO; SCHIMINK, 2017).

Outra forma de classificação dos estudos, que se sobrepõe ao nível individual, abarca o perfil dos empreendedores segundo a necessidade ou oportunidade em empreender. Há uma predominância de estudos relacionados aos empreendedores por necessidade (3) que trazem, em especial, as demandas de desenvolvimento educacional ou de capacidades gerenciais. O estudo de empreendedorismo por oportunidade (1) aborda a potencial introdução de um novo cultivo na Amazônia.

Uma vez que os níveis não são isolados, as conexões e interações entre eles corroboram para o desenvolvimento do empreendedorismo e do seu ecossistema (Figura 3). Ainda que alguns estudos não tratem especificamente da constituição de redes, ao longo do artigo deixam claro que existem seja por meio da citação de organizações, programas de fomento, políticas governamentais e parcerias.

Figura 3. Níveis do empreendedorismo e inter-relações no ecossistema



Fonte: Dados da pesquisa

A geração de ideias (4), por meio de novas formas de produzir ou o desenvolvimento de tecnologias aborda os potenciais empreendedores. Quando essas ideias têm um desenvolvimento já avançado por meio do estabelecimento de relações interinstitucionais, há a conexão setorial entre as organizações (6). O alinhamento educacional (8) traz estudos que abordam, principalmente, as necessidades de parcerias para um alinhamento educacional da sua área de atuação. Finalmente, estudos sobre o desenvolvimento do ecossistema empreendedor (3) abordam os desafios, políticas ou parcerias para fomento do empreendedorismo.

Considerações Finais

A primeira análise extraída deste estudo é a escassez de estudos que tratam de empreendedorismo na região da Amazônia brasileira. Considerando a extensão territorial, a população local com severas restrições financeiras e vastidão das oportunidades de geração de negócios a partir dos recursos naturais locais, há extrema carência de estudos capazes de inspirar e orientar ações empreendedoras na região. Essa escassez está representada pelo número de artigos identificados nesta revisão, uma vez que os filtros usados foram temáticos, não abrangendo a qualidade da produção.

Os níveis de abrangência do empreendedorismo (individual, organizacional e sociedade) não estão isolados. Há uma interação constante entre as habilidades individuais de empreender, o conhecimento técnico do negócio e o contexto onde os negócios se desenvolvem, bem como o fomento do empreendedorismo. Essa interação entre os níveis é fundamental para explicar “como” o empreendedorismo acontece, tanto para o uso de pesquisadores quanto para os instrumentos de políticas. Representa, assim, uma janela para o aprofundamento de estudos sobre o empreendedorismo e o desenvolvimento territorial.

Estudos sobre o contexto no qual o ecossistema de empreendedorismo insere-se na Amazônia também trazem uma janela para potenciais estudos. Ao abordar o ecossistema empreendedor, as redes e atores envolvidos, as investigações podem esclarecer dos desafios territoriais da constituição de redes e os impactos, sejam positivos ou negativos, no desenvolvimento econômico e territorial.

A limitação deste estudo está relacionada com o baixo volume de artigos encontrados. Esse fato é reflexo de um país que, na sua totalidade, não reconhece as riquezas daquela região, tampouco dedica-se a conhecê-la. O segundo curso superior com maior procura no Brasil é Administração, com Empreendedorismo em sua matriz curricular obrigatória e, ainda assim, carecemos de pesquisas sobre empreendedorismo na região amazônica brasileira.

Como sugestão para estudos futuros, está a expansão de pesquisas que abordem o tema empreendedorismo em todas as suas vertentes, tais como inicial, nascente, novo ou estabelecido. Abordagens mais específicas como empreendedorismo social, análise das motivações que inclui empreendedorismo por necessidade ou por oportunidade e, por fim, formas de empreender, são contribuições científicas capazes de contribuir para a expansão dos negócios na Amazônia e, conseqüentemente, com a melhoria de vida para a população local.

Referências

ABC- ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS. **Amazônia- desafio brasileiro do século XXI: A necessidade de uma revolução científica e tecnológica.** 2008.

AMARAL, M. T.; da SILVA APARICIO, G. K.; de SOUZA; P. L.; LOBATO DOS SANTOS, A. M.. Traditional technology application in fish processing in the region of lower Amazon, State of Para. **Revista Geintec**, v. 7, n. 1, p. 3708-3721, 2017.

ARAÚJO, J. G.; COELHO, M. A. Entrepreneurial intention of production engineering students in Amazonas/Brazil. **Independent Journal of Management & Production**, v. 9, n. 4, p. 1147-1164, 2018.

BECKER, B. K. **Amazônia: Geopolítica na virada do III milênio.** Editora Garamond. 2009.

BIROCHI, R.; POZZEBOM, M.. Improving financial inclusion: Towards a critical financial education framework. **Revista de Administração de Empresas**, v. 56, n.3, p. 266-287, 2016.

CASTRO, P. K. L. B.; da SILVA, F. M. V.; FERREIRA, C. A.. Papers and functions performed by incubator managers and incubated companies in the Amazon/Brazil. **Revista Eletronica de Estratégia e Negócios**, v. 11, n. 1, p. 102-138, 2018.

CHELEKIS, J.; MUDAMBI, S. M.. MNCs and micro-entrepreneurship in emerging economies: The case of Avon in the Amazon. **Journal of International Management**, v. 16, n. 4, p. 412-424, 2010.

CLEMENT, C. R.; WEBER, J. C.; Van LEEWEN, J.; DOMIAN, C. A.; COLE, D. M.; LOPEZ, L. A.; ARGUELLO, H.. Why extensive research and development did not promote use of peach palm fruit in Latin America. **Agroforestry Systems**, v. 61, n. 1-3, p. 195-206, 2004.

DEDEKE, A. N.. Creating sustainable tourism ventures in protected areas: An actor-network theory analysis. **Tourism Management**, v. 61, p. 161-172, 2017.

FEARNSIDE, P. M.; BARBOSA, R. I.. The Cotingo Dam as a test of Brazil's system for evaluating proposed developments in Amazonia. **Environmental Management**, v. 20, n. 5, p. 631-648, 1996.

FILOCREAO, A. S. M.; GALINDO, A. G.; SOARES DOS SANTOS, T. D. J.. Phytotherapy in the Amazon: The Experience of the State of Amapá-Brazil. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 40, p. 399-420, 2017.

FREITAS, D. D.; de RAMOS NEVES, J. T.. Fordlandia: Ford Motor Company innovative entrepreneurship in the Brazilian Amazon. **Revista Gestão & Tecnologia- Journal Of Management And Technology**, v. 17, n. 3, p. 244-266, 2017.

GEM - Global Entrepreneurship Monitor. **Empreendedorismo na Região Norte do Brasil: 2014**. Curitiba: Instituto Brasileiro da Qualidade e Produtividade, 2014.

GEM - Global Entrepreneurship Monitor. **Empreendedorismo no Brasil: 2015**. Curitiba: Instituto Brasileiro da Qualidade e Produtividade, 2015.

GEM - Global Entrepreneurship Monitor. **Empreendedorismo no Brasil: 2018**. Relatório Executivo. Curitiba: Instituto Brasileiro da Qualidade e Produtividade, 2018.

GOLDMAN, R. L.; THOMPSON, B. H.; DAILY, G. C.. Institutional incentives for managing the landscape: Inducing cooperation for the production of ecosystem services. **Ecological Economics**, v. 64, n. 2, p. 333-343, 2007.

GONÇALVES, G. J. S.; dos SANTOS OLIVEIRA, J.; BILAC, D. B. N.. Gestão financeira de empreendedores de Araguaína-TO: estudo de caso no Centro de Apoio aos Pequenos Empreendimentos (CEAPE). **Revista Humanidades & Inovação**, v. 5, n. 2, 2018.

HODGE, P. A.; BON, A. C.; COHEN, M.; TURISCO, F.. The Quest for Sustainable Communities in Isolated and in Urban Settings. **Journal of Social Entrepreneurship**, p. 1-23, 2019.

ISENBERG, D.. What an entrepreneurship ecosystem actually is. **Harvard Business Review**, Maio, 2014.

KANAI, J. M.. On the peripheries of planetary urbanization: globalizing Manaus and its expanding impact. **Environment and Planning D: Society and Space**, v. 32, n. 6, p. 1071-1087, 2014a.

KANAI, J. M.. Capital of the Amazon rainforest: constructing a global city-region for entrepreneurial Manaus. **Urban Studies**, v. 51, n. 11, p. 2387-2405, 2014b.

KANTER, R. M.. Enriching the Ecosystem: a Four-point Plan for linking Innovation, Enterprises

and Jobs. **Harvard Business Review**, 2012.

LIMA, C. C.; QUINTINO, S. M.; ANDRADE, L. M. N.; Dal MAGRO, E. F. Empreender na gestão agropecuária da Amazônia: o caso das agroindústrias familiares em Rondônia. **Revista Metropolitana de Sustentabilidade**, v. 5, n. 2, P. 49-74, 2015.

LIMA, A. M.; BALESTRIN, A.; FACCIN, K.; MARCONATTO, D.. The institutionalization of cooperation: An institutional work analysis in a vulnerable community of the Amazon region. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios**, v. 21, n. 4, p. 683-705, 2019.

MARCOVITCH, J.. **A gestão da Amazônia: Ações empresariais, políticas públicas, estudos e propostas**. Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

MELLO, D.; SCHMINK, M.. Amazon entrepreneurs: Women's economic empowerment and the potential for more sustainable land use practices. **Women's Studies International Forum**, v.65, p. 28-36, 2017.

MORIOKA, S.; de CARVALHO, M.. A systematic literature review towards a conceptual framework for integrating sustainability performance into business. **Journal of Cleaner Production**, v. 136, p. 134-146, 2016.

NAKAO, I. H.; PEREIRA, V. H. K. K.; FINGERMANN, N.; STETTINER, C. F.; MOIA, R. P.; JUNGER, A. P.. O EMPRETEC como política pública de empreendedorismo. **Revista Humanidades & Inovação**, v. 5, n. 11, p. 388-397, 2018.

OLIVEIRA, B. P. D.; REBELLO, F. K.; de ALBUQUERQUE, N. I.; dos SANTOS, M. A. S.; LOPES, M. L. B.. Analysis of economic-financial viability of commercial creation of caititus (Pecari tajacu) in Brazilian Amazon area. **Revista Custos e @gronegocio on-line**, v. 14, n. 4, p. 420-443, 2018.

PAUWELS, C.; CLARYSSE, B.; WRIGHT, M.; Van HOVE, J.. Understanding a new generation incubation model: The accelerator. **Technovation**, vol. 50-51, p. 13-24, 2016.

PETTICREW, M.; ROBERTS, H.. **Systematic Reviews in the Social Sciences: A Practical Guide**. Blackwell Publishing, Malden, MA, 2006.

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Índice de Desenvolvimento Humano Municipal Brasileiro – Série Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil. 2013.

POKORNY, B.; de JONG, W.; GODAR, J.; PACHECO, P.; JOHNSON, J.. From large to small: Reorienting rural development policies in response to climate change, food security and poverty. **Forest Policy and Economics**, v. 36, p. 52-59, 2013.

QUINTESSA. **Guia 2.5 2017: Guia para o Desenvolvimento de Negócios de Impacto**. São Paulo, Quintessa, 2017.

RAA - Rede Amigos da Amazônia. **Amazônia, sua riqueza, seus desafios**. 2020. Disponível em <https://raa.fgv.br/amazonia-sua-riqueza-seus-desafios>. Acesso em: 26 de mar. de 2020.

ROCHA, E. C. et al. Effect of ecotourism activities on richness and abundance of species of medium and large mammals in the Cristalino region, Mato Grosso, Brazil. **Revista Árvore**, v. 36, n. 6, p. 1061-1072, 2012.

SABAINI, D. S; CASAGRANDE, L. P; DE BARROS, A. F.. Economic feasibility of the cultivation of Amazon spotted Catfish (*Pseudoplatystoma* Spp.) in cages, in Rondônia State, Brazil. **Boletim**

do Instituto de Pesca, v. 41, n. 4, p. 825-835, 2015.

SMITH, N. J. H. et al. Agroforestry trajectories among smallholders in the Brazilian Amazon: innovation and resiliency in pioneer and older settled areas. **Ecological Economics**, v. 18, n. 1, p. 15-27, 1996.

TRANFIELD, D.; DENYER, D.; SMART, P.. Towards a methodology for developing evidence-informed management knowledge by means of systematic review. **British Journal of Management**, v. 14, n. 3, p. 207-222, 2003.

WILCOX, R. W. Ranching modernization in tropical Brazil: Foreign investment and environment in Mato Grosso, 1900-1950. **Agricultural History**, p. 366-392., 2008.

Recebido em 30 de março de 2020.

Aceito em 13 de julho de 2020.